

## Açaização da Amazônia: uma análise exploratória da cobertura dos portais de notícia<sup>1</sup>

Maria Eduarda Vieira KAWAGUCHI<sup>2</sup>

Gabriela de Nazaré Pereira MOURA<sup>3</sup>

Jessé SANTA BRÍGIDA<sup>4</sup>

Universidade da Amazônia, Belém, PA

### Resumo

A pesquisa visa compreender a cobertura de portais de notícias a respeito da “açaização”, termo que se refere à degradação do ecossistema amazônico devido à intensificação do plantio do açaí para a exportação. A partir da utilização do termo no buscador do Google, foram encontrados 9 textos, divididos entre os portais: *BBC News Brasil*, *G1 Brasil*, *GOV.BR*, *Pensamento Verde* e *Notícias de Emprego* e *BCN Amazonas*, *Portal Amazônia*, *R10 Piauí* e *Notícia SP*. O estudo se configura como exploratório e bibliográfico. A análise do conteúdo apontou que a temática foi pouco explorada nos portais locais e deriva de portais nacionais que não pertencem ao espaço amazônico. O estudo pretende observar o debate, em especial com a aproximação da COP-30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), que será realizada em Belém, Pará, em 2025.

**Palavras-chave:** Açaização; colonialidade; portais de notícia; Pará; Amazônia.

### Introdução

O trabalho foi produzido com o objetivo de realizar a análise de conteúdo nos portais de notícias a respeito da temática da “açaização” e observar como o assunto é apresentado nos portais de notícias do estado do Pará. O processo referido, que se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ de Jornalismo da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 1º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade da Amazônia, e-mail: [gabinpmoura@gmail.com](mailto:gabinpmoura@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. 1º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade da Amazônia, e-mail: [eduardakawaguchi@gmail.com](mailto:eduardakawaguchi@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade da Amazônia, e-mail: [jesse.brigidab@unama.com](mailto:jesse.brigidab@unama.com)

caracteriza pela exaustão do solo produtor de açaí, se intensifica à medida que as exportações aumentam e pode ser considerado um fenômeno contemporâneo, tendo em vista que fenômeno é a percepção humana do mundo tal como existe independentemente de suas próprias percepções (Kant, 1980). Segundo dados de 2021 da Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa), nos últimos dez anos, houve um aumento de quase 15 mil por cento (14.380%) nas exportações do açaí.

Desse modo, apresentamos neste trabalho a cobertura jornalística sobre a cadeia do açaí e suas problemáticas, além de contextualizar o processo da monocultura e suas relações com a colonialidade (Mignolo, 2017). Apresentamos o processo de “açaização” da Amazônia junto aos vestígios de uma herança colonial brasileira, sempre tendo como finalidade repensar o papel do jornalismo sob a ótica da justiça ambiental, visando um fazer jornalístico que abre caminhos para que sejam constantemente consideradas a complexidade da questão e a problemática que se coloca, principalmente, às vésperas da realização da COP-30, caracterizada por um momento oportuno para a ascensão do debate ambiental relacionando-o à mídia, não só nesse momento, mas em especial nesse cenário de discussão que se coloca além do eixo Sul e Sudeste do país.

Ademais, apesar de se tratar de um assunto relativamente recente, por meio deste estudo, buscamos perceber como é feita a abordagem do assunto pelos portais midiáticos brasileiros. Dessa forma, usamos o questionamento em relação à ocorrência do termo “açaização” nos portais de notícias nacionais e regionais.

Como metodologia, utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 1977) que se caracteriza pela descrição objetiva, interpretação e sistematização do conteúdo de textos, imagens ou qualquer outra forma de comunicação. Por conseguinte, realizamos um estudo bibliográfico que, de acordo com Boccato (2006), busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com o intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. Fizemos uma leitura exploratória e seletiva das notícias a partir de uma pesquisa inicial da palavra “açaização” e selecionamos os portais que abordavam a temática. Além disso, com base nos estudos bibliográficos, observamos de forma crítica a internalização das estruturas coloniais presentes no objeto de pesquisa e suas devidas abordagens midiáticas.

### **Monocultura: um breve entendimento**

É inegável que, historicamente, o Brasil é um grande exportador de *commodities* e que, nas últimas décadas, o crescimento do agronegócio tem favorecido o uso da monocultura como uma das principais formas de plantio de produtos do primeiro setor, fortalecendo a posição econômica do Brasil no mercado internacional. Para Zimmermann (2009), a monocultura representa o cultivo de uma única (mono) espécie em uma determinada área agrícola ou região do país, esta, por sua vez ocorre, com maior intensidade nos grandes latifúndios rurais. A atividade torna o produtor dependente de uma só cadeia que acaba sendo utilizada por quem tem interesse em investir em produtos que estão em alta exportação. Dessa forma, a monocultura provoca diversos danos ao meio ambiente, como, por exemplo, o desmatamento, a exaustão e o empobrecimento do solo, intensifica o uso de agrotóxicos e estimula a concentração de terra (Zimmermann, 2009). A utilização das grandes áreas de terra no Brasil para a monocultura de exportação pode até garantir o crescimento econômico, mas por outro lado, não gera desenvolvimento, não permite uma independência e tende a manter ou até mesmo aumentar a miséria da população.

Entretanto, as problemáticas envolvidas na monocultura são profundas e estruturais. Para entender o porquê, mesmo sendo prejudicial à natureza, torna-se necessário voltar ao período colonial. No Brasil, esse tipo de cultivo é bastante conhecido, em virtude da base que foi instaurada no país, no tocante ao seu desenvolvimento como um país agrário, a qual se concentrou em culturas específicas, como a cana-de-açúcar, o café e, atualmente, a soja (Heymann, Arruti, Lima, 2005) e o açaí.

Essa lógica exploratória, atrelada ao colonialismo instalado nos processos históricos de colonização, ainda que tenha sido extinto na maioria dos territórios, permanece presente até os dias de hoje nas estruturas mentais e materiais de dominação e poder (Green, 2014). Tal herança constitui um padrão civilizatório, entendido como superior e normal, no caso, o europeu, que foi posto como universal, o que proporcionou uma significativa exclusão de outras formas de saber e existir no mundo (Mignolo, 2017). Essa mentalidade é, portanto, instigada pela lógica capitalista, já que beneficia a produção exacerbada, gera lucro e sustenta a ideia de dominação da natureza (Porto-Gonçalves, 2006). Além disso, esse pensamento eurocêntrico, que Sousa Santos

(2010) chama de abissal, sustenta o conceito de modernização e progresso acima de qualquer outro tipo de saber e, ainda, pontua o pensamento como composto por distinções visíveis e invisíveis que separam o que é validado ou descartado pelo Ocidente (Santos, 2010).

Trazendo a perspectiva para a cobertura midiática estudada aqui neste artigo, o jornalismo tem papel relevante nesse processo, pois faz circular os discursos na sociedade, permitindo que, por meio do seu fazer, diferentes atores sociais tenham conhecimento do que grupos específicos estão fazendo (Meditsh, 1997). Dessa forma, o jornalismo possui o poder de colocar em circulação cenários complexos e entremeados de forças sociais que estão em busca de se consolidarem como instituições de poder e dominação, mas ao mesmo tempo permite emergir vozes dissonantes que estão em uma constante resistência à dominação.

Esse cenário de embates é comum à comunicação, mas quando pontuamos uma mídia massificada, estamos observando forças hegemônicas que já estão consolidadas na própria memória da sociedade. Por esse motivo, ao trazer a questão da monocultura do açaí no Norte do Brasil, estamos acompanhando um processo de abertura ao debate a respeito do consumo cultural interno e a degradação de um ecossistema em prol do capital e dos valores colonialistas que permanecem circulantes na sociedade contemporânea.

Ao refletir sobre as problemáticas ambientais no Sul-Global<sup>5</sup>, compreende-se a necessidade de analisar a questão de forma plural e estrutural para que, em meio à realidade atual de ebulição global e diversas pautas em torno do assunto, seja palpável a constituição de novas narrativas e a abertura a outros saberes.

### **Açaização: um conceito e um alerta**

Segundo o National Geographic (2023), a floresta Amazônica, localizada na América do Sul, é a maior floresta tropical do mundo. Ela se estende por nove países: Peru, Guiana, Colômbia, Bolívia, Equador, Suriname, Guiana Francesa, Venezuela e Brasil, sendo sua maior parte situada na região norte do país. A Amazônia é visada mundialmente desde os tempos de colonização, devido a sua grande biodiversidade

---

<sup>5</sup> O termo Sul-Global transcende as fronteiras geográficas tradicionais, reunindo países que compartilham desafios socioeconômicos similares e uma história de marginalização nas relações internacionais (VISENTINI, 2015).

(Rodrigues, 2020). Atualmente, também se destaca por ser um recurso crucial para a regulação climática do planeta, responsável por armazenar cerca de 120-150 bilhões de toneladas de carbono na copa de suas árvores (Nobre, 2016).

O açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart) é nativo da Amazônia brasileira e o Pará é o principal centro de dispersão natural dessa palmácea (Nogueira, Figueirêdo, Müller, 2005). O açaí é consumido pelas comunidades amazônicas e conhecido por seu alto valor nutricional<sup>6</sup>. Além disso, nos últimos anos ele tem ganhado visibilidade no cenário nacional e mundial. De acordo com dados do IBGE (2024), as produções de açaí, que se resumiam em suprir o consumo local, aumentaram 125% entre os anos de 2018 e 2022 no estado do Pará, para atender à nova demanda.

Esse crescimento resultou em um processo denominado “açaização” através do estudo *Exploração e Manejo do Açaí no Contexto da Floresta Estuarina Amazônica*, de autoria do biólogo Madson Freitas. O termo se refere à intensificação do manejo da palmeira açaí nas florestas estuarinas<sup>7</sup> da Amazônia, especialmente no estado do Pará. Este manejo intensificado visa aumentar a densidade de touceiras<sup>8</sup> de açaí por meio do desbaste seletivo de outras espécies vegetais, eliminando competidores para maximizar a produção de frutos de açaí (Freitas, 2015). Embora essa prática possa trazer benefícios econômicos significativos para as comunidades locais, ela tem impactos negativos na estrutura e na composição funcional das assembleias de árvores. A densidade e a riqueza de espécies de árvores tendem a diminuir à medida que a densidade de touceiras de açaí aumenta (Freitas, 2015). Isso resulta em florestas estuarinas empobrecidas,

---

<sup>6</sup> Lorenzi et al. (2006), em seu estudo sobre frutos brasileiros e exóticos que são cultivados, relataram a composição nutricional de diversos frutos, entre eles o açaí. Ao considerar uma porção de 100g de fruto em base seca, o valor calórico foi de 247,0 kcal, sendo os teores de proteínas, gorduras, cinzas e carboidratos iguais a 3,80 g, 12,20 g, 1,5 g e 36,6 g, respectivamente. A quantidade dos minerais cálcio, fósforo e ferro foram iguais a 118 mg, 58 mg e 11,8 mg, respectivamente enquanto as quantidades de vitaminas B1 e B2 foram de 0,36 mg e 0,10 mg, vitamina C de 9,0 mg e niacina de 0,40 mg.

<sup>7</sup> As florestas estuarinas da Amazônia são áreas de transição entre os ambientes fluviais e marinhos, caracterizadas pela presença de manguezais. Esses ecossistemas desempenham um papel crucial na manutenção da biodiversidade, atuando como berçários para muitas espécies de peixes e crustáceos, além de protegerem as costas contra a erosão e contribuírem para a estabilização dos sedimentos. Elas são vitais para a captura e armazenamento de carbono, ajudando a mitigar as mudanças climáticas (Rivera-Monroy, 2017).

<sup>8</sup> As touceiras são definidas como gramíneas de hábito de crescimento cespitoso dominante, onde a formação vegetal ocorre em ‘tufos’, resultando em uma estrutura compacta em relação à organização dos perfis na planta. Essas espécies são encontradas em todos os continentes, sendo mais representativas em biomas compostos predominantemente por pastagens. Elas podem ocorrer em diversos tipos de clima, desde ambientes áridos até ambientes com elevada umidade (Heissler, 2020, p. 1).

dominadas quase exclusivamente por açaí e com poucas outras espécies arbóreas presentes. Esses efeitos negativos incluem a alteração do microclima, a redução da biomassa florestal e impactos em cascata nos processos ecológicos, como a regeneração florestal (Freitas, 2015).

### **Jornalismo digital: os portais de notícia**

O uso da Internet propiciou a criação de uma nova zona de circulação de informações, o chamado ciberespaço (Gibson, 1991). Para o jornalismo, os maiores benefícios desse novo cenário são a liberdade e a autonomia de publicações de conteúdo. Com o avanço tecnológico, foi possível observar o fenômeno da convergência das mídias que, segundo Henry Jenkins (2009), é o fluxo acelerado de conteúdo por diversas plataformas, mas também, e principalmente, uma nova forma de consumo. Isso porque a convergência não é apenas tecnológica, mas também social, desenvolve-se na própria mente dos indivíduos, que passam a ter uma outra experiência com as mídias, vislumbrando conexões que até então não eram estabelecidas.

O webjornalismo é definido por Mierniezik (2003, p.26), como “toda a produção para a web, uma parte específica da internet”. Diversos pesquisadores (Ferrari, 2006; Shwingel, 2005; Palacios, 2003), defendem características geracionais que definem o webjornalismo, gerações que acompanharam as mudanças tecnológicas da internet. Na primeira geração, o surgimento da Web 1.0 com páginas estáticas, conteúdo apenas para leitura e pouca interatividade, o webjornalismo reproduzia na íntegra o conteúdo do jornal impresso.

Já na segunda, web 2.0 (O’Reilly, 2004), há a presença de páginas dinâmicas, conteúdo gerado pelo usuário e maior interatividade. Na perspectiva jornalística pode-se notar a exploração dos recursos oferecidos pela rede, como hiperlinks, fotos, vídeos e áudios. Na web 3.0 (PALÁCIOS, 2003), tem-se a presença de dados interligados, personalização e inteligência artificial; é quando os veículos de notícia de fato se transformam em geradores de conteúdo online, com produtos específicos para a web e muita interatividade. Como podemos observar no site da *BBC News Brasil*, um dos portais que compõem o *corpus* desta pesquisa (Figura 1).

Figura 1: BBC News Brasil com diversos recursos interativos.



Fonte: Dados da coleta, 2024.

A Internet chegou ao Brasil em 1990, pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP), que passou a investir na implantação de redes e a incentivar a pesquisa nas universidades do país, com repositórios acadêmicos e treinamentos (Silva, Ferreira, 2016). Somente em 1995, a RNP estendeu o uso da internet para fins comerciais. Esse período é considerado como um dos mais promissores no desenvolvimento da Internet no Brasil, pois foi o período em que o primeiro veículo de comunicação brasileiro foi lançado na web, o *Jornal do Brasil* (Silva, Ferreira, 2016).

Segundo Machado e Palacios (1999), o *Jornal do Brasil* despontou na rede com uma interface pouco interativa, semelhante a um resumo de sua versão impressa. Logo em seguida, vieram *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e outros grandes veículos. Para Gonçalves (1996), o motivo que levou as empresas jornalísticas brasileiras a entrarem na Internet foi o êxito dos periódicos americanos e ingleses em 1995. O Grupo Folha, em julho daquele mesmo ano, deu início à sua empreitada na Internet, lançando a *Folha Web*, o embrião do que viria a ser o portal UOL (Silva, Ferreira, 2016), o primeiro portal de notícias do Brasil.

Emerge, portanto, esta nova forma de fazer jornalismo, que estrutura conteúdos jornalísticos para portais a partir da observação de que as notícias atraem e permitem reunir milhões de pessoas, com interesses similares, em um mesmo ambiente. Os portais podem ser classificados em verticais ou horizontais, de acordo com o tipo de público-alvo. De acordo com Lima (2003), os portais horizontais focam em grandes audiências, oferecendo a maior gama possível de serviços e informações. Já os portais verticais segmentam sua audiência em um tema específico. Para Barbosa (2003), o relato de fatos em tempo real, bem como a adoção do formato multimídia (texto, vídeo e

áudio) e a apresentação de textos em pílulas – que permitem a atualização da notícia com certa frequência – são características de um portal jornalístico.

No portal de notícias *BBC News Brasil* é possível encontrar características que melhor explicam a relação entre a Web 3.0 e o surgimento do jornalismo digital. Como pode se perceber na Figura 2, na página do portal há a presença de *hiperlinks* para outras notícias entre os parágrafos da matéria e um post, no canto esquerdo da página, relacionado à assinatura do jornal, com o intuito de manter o leitor informado por meio de notícias que serão enviadas diretamente para o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, havendo, assim, a convergência entre o portal de notícias e a mídia social.

Figura 2: Imagem do portal BBC News Brasil



Fonte: Coleta da pesquisa. 2024.

Na página observa-se também a presença de *links* relacionados às redes sociais do jornal e outras formas de consumir o conteúdo. Por meio do *BBC Lê*, que contém podcasts de matérias selecionadas, e da plataforma YouTube, que distribui o conteúdo audiovisual do portal, percebemos como o portal oferece recursos para que o leitor compreenda melhor o material apresentado.

### **Açaização é notícia: mapeamento, conteúdo e exploração**

Para análise, realizamos a coleta de material por meio da pesquisa realizada no buscador do *Google* pelo termo “açaização”. Como resultado, encontramos 13 portais de notícias em que citaram a temática, sendo eles: *BBC News Brasil*, *Portal Amazônia*, *BNC Amazonas*, *G1 Brasil*, *Projeto Colabora*, *GOV.BR*, *Instituto Terroá*, *Pensamento Verde*, *Notícias de Emprego*, *Notícia SP*, *R10 Piauí* e *Ecoa UOL*.

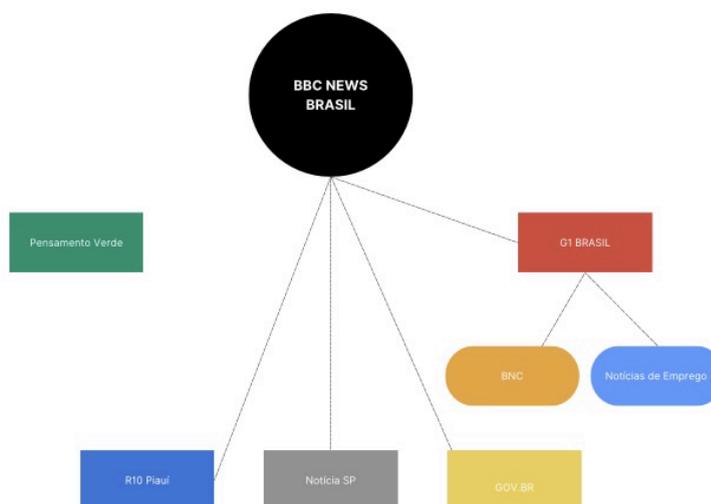
Durante a observação foi possível perceber a presença de republicação de conteúdo entre as plataformas. Dessa forma, decidimos elaborar o rastreo e analisar o conteúdo de 9 portais selecionados, na qual separamos apenas as matérias que se referiam exclusivamente ao processo de “açaiização”. Em seguida, investigamos as datas das publicações e as organizamos em um quadro com duas colunas, Portal de notícia *versus* Data da publicação, a fim de verificar a primeira aparição do termo no material coletado (Quadro 1). Assim, observamos cronologicamente os enunciados dos portais de notícia. Ao término da investigação, percebeu-se uma forte proximidade entre as datas de publicação, com exceção do portal *Notícia de Emprego*, sendo o dia 13 de março de 2022 a data de abertura do debate sobre a temática no jornalismo digital.

Quadro 1 - Portal de notícia versus Data de Publicação

PORTAL DE NOTÍCIA	DATA DA PUBLICAÇÃO
BBC NEWS BRASIL	13 de março de 2022
GOV.BR	13 de março de 2022
R10 Piauí	21 de março de 2022
G1 Brasil	4 de abril de 2022
BNC	5 de abril de 2022
Portal Amazônia	7 de abril de 2022
Pensamento Verde	6 de julho de 2022
Notícia SP	2022
Notícias de Emprego	30 de agosto de 2023

Fonte: Elaboração da pesquisa, 2024.

Figura 3 - Mapa mental do rastreo do termo “açaiização”



Fonte – Elaboração da pesquisa, 2024.

Assim, pontua-se que o primeiro enunciado sobre o tema “açaiização” pertence ao jornal *BBC News Brasil* (Figura 4), portal de alcance nacional. A princípio, a matéria traz informações básicas sobre o fruto amazônico para introduzir a temática. Em seguida, explica do que se trata o termo “açaiização” a partir do estudo *Exploração e Manejo do Açaí no Contexto da Floresta Estuarina Amazônica* junto com a entrevista com um dos autores do trabalho, biólogo Madson Freitas. A linguagem se caracteriza como explicativa, pois o texto segue em uma apresentação a respeito do processo de “açaiização” que acontece na região Norte, suas características e consequências.

Figura 4 - primeira reportagem sobre “açaiização” encontrada pela pesquisa



Fonte: BBC News Brasil, 2022.

Conforme pode ser observado na Figura 3, o *G1 Brasil* (Figura 5), e o *GOV.BR* (Figura 6) replicaram da matéria da *BBC News Brasil* de forma direta, preservando os direitos autorais do jornal.

Figura 5 e 6– Matéria replicada no portal G1



Fonte: Portal G 1 e GOV.BR, 2022.

O portal *BNC Amazonas* (Figura 7) republicou o conteúdo do *GI Brasil*, também de forma direta.

Figura 7 – Publicação do portal *BNC Amazonas*



Já o *Notícia de Emprego* (Figura 8) publicou o conteúdo do *GI Brasil* de forma parafraseada, adicionando um parágrafo de referências dentro do texto. Além disso, o conteúdo apresenta informações adicionais, como: o processo de produção do açaí, desde o cultivo até a venda nos mercados e iniciativas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) através do Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos do Marajó (Manejaí), que tem como objetivo capacitar os produtores para preservar a biodiversidade da flora e, assim, aumentar a produtividade do açaí.

Figura 8 – Publicação do portal *Notícia de Emprego*.

***Por favor, note que todas as citações e informações foram parafraseadas para evitar o plágio.***

*Para informações adicionais, [acesse o site](#)*

Figura: *Notícia de Emprego*, 2023.

O portal de notícias *R10 Piauí* (Figura 9) alegou ter usado como fonte o site *Fatos Desconhecidos*, mas ao observar o texto produzido, é possível notar partes da reportagem do jornal *BBC News Brasil* (Figura 10). A matéria não apresenta informações adicionais.

Figura 9 – Reportagem do *R10 Piauí*

No entanto, um estudo conduzido por cientistas brasileiros apontou como a demanda de produção tem afetado a

Autoridades dizem que criaram regras para proteger a **biodiversidade amazônica**, e os produtores afirmam

Fonte: R10 Piauí, 2022.

Figura 10 – Reportagem de BBC News Brasil

Mas toda essa demanda está cobrando um preço da Amazônia, segundo um novo estudo conduzido por cientistas brasileiros.

- 'Rio voador', o fenômeno que ajuda a explicar as tempestades de verão no Brasil

A pesquisa apontou que o cultivo de açaí está levando a uma perda significativa da biodiversidade.

Árvores-símbolo da Amazônia, como a samaúma e o jatobá, estão desaparecendo da paisagem e dando lugar a campos de monocultura da fruta.

O processo é tão intenso que já ganhou até nome de cientistas da área: é a "açaização" da Amazônia.

"Ao longo dos últimos 20 anos, áreas da floresta onde o açaí era cultivado lado a lado com outras espécies foram totalmente tomadas pelas palmeiras da fruta", afirma o biólogo paraense Madson Freitas, principal autor do estudo, à BBC News Brasil.

Autoridades dizem que criaram regras para proteger a biodiversidade amazônica, e os produtores afirmam seguir as normas e negam que causem prejuízo à floresta.

Mas os cientistas dizem que o cultivo de açaí está provocando mudanças profundas na Amazônia que podem desestabilizar todo o ecossistema.

Fonte: BBC News Brasil, 2022.

Temos também o portal *Notícia SP* (Figura 11) que replicou a matéria da *BBC News Brasil*, mas ao contrário dos outros portais de notícias, não indicou em nenhuma parte da página que o texto foi retirado de outro jornal. Contudo, nota-se no fim da página a presença de material do portal *BBC*.

Figura 11 – Reportagem do portal Notícia SP

Sabia que a BBC está no Telegram? Inscreva-se no canal.

Você já viu nossas novidades no YouTube? Inscreva-se no nosso canal!

© 2022 BBC. La BBC é culpada pelo conteúdo de sites externos. Saiba mais sobre nossa política de links externos.

Fonte: Notícias SP, 2024.

Figura 12 – Reportagem do portal Pensamento Verde



SUSTENTABILIDADE

**Açaí: um sucesso perigoso para a biodiversidade da Amazônia**

Fonte: Pensamento Verde, 2022.

Por fim, o *Pensamento Verde* (Imagem 12) utilizou um texto próprio na matéria. Assim como nos outros jornais, a temática foi introduzida junto ao estudo *Exploração e Manejo do Açaí no Contexto da Floresta Estuarina Amazônica* e utilizou a *BBC News* como fonte. Além disso, o portal trouxe informações adicionais sobre o contexto, entrevistas exclusivas bem como a apresentação do projeto Manejaí pela Embrapa como alternativa sustentável, focando em como preservar a vegetação e o próprio manejo do açaí.

## **Conclusão**

Após a contextualização e análise do conceito, os resultados da pesquisa demonstram que mesmo apresentando vários riscos ao solo, ao ecossistema e à população que vive do comércio do açaí, a crescente exploração do fruto ainda pouco incorporada no debate midiático dentro da região amazônica. Desse modo, o termo “açaização” se torna incomum na própria região afetada. A replicação das notícias reforça uma desinformação sobre a real seriedade da temática, diminuindo, portanto, a proximidade de informações nítidas e completas para as pessoas e, principalmente, comunidades que vivem do comércio do açaí.

Diante do exposto, é indispensável considerar o entendimento da monocultura não só como um processo extrativista, mas também como uma cultura colonialista e capitalista que provoca a supressão de outros pensamentos existentes na sociedade. Dessa forma, inclui-se nessa lógica também o jornalismo hegemônico que aparece aqui neste artigo por meio dos portais de notícias. É inegável a necessidade de noticiar o assunto referente ao meio ambiente, em especial sobre esse processo crescente de “açaização”. Além disso, é necessário um espaço para um jornalismo ambiental decolonial, o que ampliaria diálogos sobre todo contexto de degradação ambiental.

Nessa conjuntura, é preciso consolidar a difusão da justiça ambiental no combate à desigualdade para a proteção do meio ambiente, com a consciência de que o social e o meio ambiente precisam ser discutidos em conjunto em prol do equilíbrio da natureza e do bem-estar das gerações atuais e futuras. É com essa perspectiva que o nosso estudo pretende seguir observando a circulação do termo “açaização” no Brasil, especialmente na região amazônica.

## Referências

BARBOSA, S. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital. **Modelos de jornalismo digital**, Bahia, v. 1, p. 159-185, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, edições 70, Lisboa, 1977.

BRASIL, Mongabay. **O impacto da crescente demanda global do açaí nas florestas de várzea da Amazônia**. Conexão Planeta, 04, outubro, 2021. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/o-impacto-da-crescente-demanda-global-do-acai-nas-florestas-de-varzea-da-amazonia>

FREITAS, Madson A. B.; MAGALHÃES, José L. L.; CARMONA, Carlos P.; ARROYO-RODRÍGUEZ, Víctor; VIEIRA, Ima C. G.; TABARELLI, Marcelo. Intensification of açaí palm management largely impoverishes tree assemblages in the Amazon estuarine forest. **Biological Conservation**, v. 261, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2021.109251>.

GIBSON, William. **Neuromancer**, São Paulo, Editora Aleph, 1991.

GREEN, Fracking, oikos and omics in the Karo: reimagining South Africa's reparative energy policy. In: **Anais do Colóquio Internacional Os mil nomes de Gaia**. Rio de Janeiro, de 15 à 19 set, 2014. Disponível em: [www.osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/lesley-green.pdf](http://www.osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/lesley-green.pdf).

HEYMANN, Luciana Quillet; ARRUTI, José Maurício Andion; LIMA, Ricardo Vieira. **Da Monocultura ao Agribusiness: A História da Sociedade Nacional de Agricultura**. São Paulo: Embrapa, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Os Pensadores. São Paulo, 1980.

LIMA, W. **Mídia Digital: o vigor das práticas jornalísticas em um novo espaço**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LORENZI, H.; BACHER, L.; LACERDA, M.; SARTORI, S.. **Frutas Brasileiras e Exóticas Cultivadas**. Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2006.

MIELNICZUK, L. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. **Modelos de jornalismo digital**, Bahia, v. 1, p. 38-64, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, p. e329402, 2017. Acesso em: 25 de jun. 2024.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **The Amazon Rainforest**. 30 jun. 2023. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/amazon-rainforest/>.

NOBRE, C. A. et al. Land-use and climate change risks in the Amazon and the need of a novel sustainable development paradigm. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v.113, p.10759-68, 2016.

IBGE. **Açaí: Cultivo**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/acai-cultivo/pa>. Acesso em: 20 de jun. 2024.

HEISSLER, Gustavo Haas. **Arquitetura de touceiras de *Andropogon lateralis* sob ofertas de forragem contrastantes**. 2020. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

NOGUEIRA, Oscar Lameira; FIGUEIRÊDO, Francisco José Câmara; MÜLLER, Antonio Agostinho (Editores Técnicos). **Açaí. Belém, PA:** Embrapa Amazônia Oriental, 2005. 137 p. (Sistemas de Produção, 4).

O'REILLY, T. **O que é Web 2.0:** padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. Publicado em 30 set. 2005.

PALÁCIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. **Modelos de jornalismo digital**, Bahia, v. 1, p. 14-36, 2003.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. **Em defesa do Eldorado:** disputa internacional pela Amazônia brasileira. Repositório ESG, Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Mariana; FERREIRA, Indiará. **O jornalismo online no Brasil:** as origens do Portal Universo Online (UOL). INTERCOM XXI: São Paulo, 2016.

SOUZA SANTOS, B.. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, 237-280, 2002. Doi: 10.4000/rccs. 1285.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento?. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, 1997.

ZIMMERMANN, C. L. Monocultura e transgênia: Impactos ambientais e insegurança alimentar. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.6 n.12, p.79,100, Julho, Dezembro de 2009.

JENKINS, H. *Convergence Culture: Where old and new media collide*, New York University Press, New York, 2006.

SCHWINGEL, C. Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. Niterói: Compós, 2005.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Terceiro Mundo ou Sul Global. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v. 4, n. 8, p. 1-8, 2015.